

Cartas para **AMAZONIA**


CONVERGÊNCIA ENTRE SABERES LOCAIS E ENSINO SUPERIOR

Diário de Viagem

COLETÂNEA DE CARTAS

Autora: Aldenora Pena da Silva
Orientador: Prof. Dr. Sandro Adalberto Colferai





CARTAS PARA AMAZÔNIA: CONVERGÊNCIA ENTRE SABERES LOCAIS E ENSINO SUPERIOR

Autora: Aldenora Pena da Silva
Orientador: Prof. Dr. Sandro Adalberto Colferai

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão da Universidade Federal do Pará.

Área de Concentração: Metodologias de Ensino-Aprendizagem.

Linha de Pesquisa: Criatividade e Inovação em Processos e Produtos Educacionais (CIPPE).

BELÉM-PARÁ
2023



Apresentação



Afeto, amorosidade e pertencimento. Esses são termos que levo dessa jornada que o Programa de Pós-graduação em Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior, da Universidade Federal do Pará, me proporcionou quando assumi o compromisso de construir um Produto Educacional com o objetivo de contribuir para a promoção e valorização das identidades amazônicas nos processos de ensino e aprendizagem entre discentes do Ensino Superior da Região Norte. O Produto Educacional desenvolvido foram as CARTAS PARA AMAZÔNIA, tendo como suporte metodológico as Cartas Pedagógicas, de Paulo Freire.

O Produto Educacional CARTAS PARA AMAZÔNIA convida a viajar, através da troca de cartas, pela região amazônica e suas diversas faces. Para a jornada, o viajante tem à disposição o Kit de Viagem composto por Carta-Convite, Carta-Inspiração, pistas para o percurso, papéis de cartas e o Diário de viagem para anotar suas impressões e descobertas.

Esse processo foi vivenciado por mim, Aldenora Pena, de Belém (PA); a Gabriela Andrade, estudante de licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas; pelo Márcio Ramos, estudante de Agronomia da Universidade Federal Rural da Amazônia, em Santa Luzia do Pará (PA); e com bússola nas mãos do Prof. Dr. Sandro Colferai. Durante quase seis meses viajamos pelos tortuosos caminhos da Amazônia. Nessa viagem, através das Cartas Pedagógicas, carregadas de afeto e boniteza como nos inspirou Paulo Freire, descortinaram-se novas Amazônias surpreendendo nosso olhar com o que, ao nosso ver, pensávamos conhecer.

Foi um grande desafio falar dessa Amazônia multifacetada, com sua ancestralidade e diversidade de povos. A viagem foi longa, com muitos percalços, mas muita aprendizagem alicerçada pela companhia constante dos ensinamentos de Martín-Barbero, Paulo Freire e Ailton Krenak. No processo compreendi que, mas do que ensinar, eu aprendi, muito. Aprendi que é preciso amazonizar nossas ações, fazendo um chamado sobre a importância da preservação da Amazônia, onde não se faça, discute ou decida nada sobre nós, sem nós. Porém, todo esse esforço deve estar permeado de amorosidade, pois assim como “não se pode falar de educação sem amor” (Freire), não se pode amar

o que não se conhece e esse conhecimento deve suscitar a busca de uma convivência em harmonia com a natureza como ser supremo, em uma cosmovisão do Bem Viver, como nos ensina Krenak.

A seguir, encontrarás as cartas, em ordem cronológica, que escrevemos uns aos outros. Cada um de nós escreveu quatro cartas e lemos todas elas. Nelas partilhamos relatos sobre nossas vidas, relacionamentos, experiências profissionais, acadêmicas, culturais, políticas e o que nos movia naquele momento, sem deixar de procurar o reconhecimento no relato do outro(a), e ao voltar para si, reconhecer a si mesmo. Neste processo, escrevemos sobre nossa relação com a Amazônia, nossas lutas, esperanças, o relacionamento com a academia e como essa jornada nos afetou em relação à identidade amazônida.

Ao trocar as cartas criamos conexões com nossa cultura, nossa ancestralidade, com aqueles que contribuíram para ser o que somos. Compartilhar tais experiências contribuiu para semear em mim sentimentos de esperança e bem viver. Com esse espírito, te convido a viajar na leitura das cartas que trocamos e, quem sabe, te Re-conhecer em nossos relatos e continuar a viagem construindo as próprias histórias e fortalecendo convergências com a Amazônia a partir das descobertas durante a jornada.

Boa viagem pelas confluências da Amazônia.

Abraços afetuosos,

Aldenora Pena



Belém, 14 de novembro de 2022.

Olá meu/minha mano/mana,

Escrever uma carta para alguém que não se conhece não é uma tarefa fácil. Mas como temos um "mapinha" que nos dá as pistas a seguir, vamos lá. O melhor modo de começar é pelo começo, ou seja, fazendo minha apresentação. Me chamo Aldenora Pena da Silva, mas me apresento sempre como Aldenora Pena, estou com 50 anos, sou filha da d. Rai, mãe do Arthur, que tem 18 anos, divido minha vida com meu companheiro Alickson Lopes, há 27 anos. Para começar a falar a meu respeito, tive que recorrer a minha mãe, pedindo a ela para dar algumas informações sobre o meu nascimento. Assim, soube que nasci por volta de treze horas da tarde, de parto natural na Santa Casa de Misericórdia do Pará. Ainda segundo relato de minha mãe, quase morri de sarampo quando bebê, sendo salva pelos remédios caseiros da região. Sou a caçula de cinco filhos de uma mãe solteira que veio para a capital, Belém, ainda jovem e enfrentou toda a sorte de dificuldades para sobreviver e criar seus filhos. Todos nós, três mulheres e dois homens, começamos a trabalhar muito cedo, as mulheres como empregada doméstica, os homens em vendas na rua. De minha infância, embora muito pobre na periferia de Belém, tenho muito boas lembranças de brincar de "pira" na rua até tarde sem a preocupação com a segurança; de lavar cuias de tacacá da tia Deja, para ao final, poder tomar o restante que sobrasse da venda diária. De disputar com os meus irmãos o "bico" do pão e a maior quantidade de açaí que pudéssemos tomar. Tenho consciência que em minha infância tivemos momentos de não ter o que comer, onde o xibé (farinha com água) era o que nos restava para aplacar o vazio no estômago. Porém as brincadeiras, a correria na rua nas poças d'água ou montes de areia, as férias na casa dos tios no interior comendo fruta tirada da árvore, e depois na adolescência, a descoberta dos livros de aventura da coleção Vagalume são as lembranças que mais se impõe em minha mente, fazendo com que eu afirme que, apesar de tudo, tive uma infância feliz. Assim, tendo uma origem na classe trabalhadora, como filha de operária da indústria têxtil e empregada doméstica, estudei a vida toda na escola pública. Dos 13 aos 22 anos trabalhei como empregada doméstica, morando na casa dos patrões e sem os direitos trabalhistas, claro. Aos 21 anos, trabalhando de dia e estudando à noite, passei no vestibular em Pedagogia na Universidade Estadual do Pará. A academia me abriu novos horizontes e mostrou novos caminhos, lá participei do Centro Acadêmico de Pedagogia (CAPE), do Diretório Central dos Estudantes (DCE), fui bolsista de Projeto de Pesquisa e monitora da disciplina Sociologia da Educação II, quando pude, enfim, deixar de ser empregada doméstica. A UEPA, o curso de Pedagogia, a participação nas entidades estudantis e a militância política me abriram os olhos para a luta de classes, me fazendo entender meu papel enquanto classe trabalhadora explorada. O caminho natural, nesse caso, foi ingressar na vida partidária, através do movimento estudantil, primeiro no PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado), depois no PT (Partido dos Trabalhadores) e, atualmente, no PSOL (Partido Socialismo e Liberdade). Há 14 anos sou servidora concursada da Secretaria de Estado de Educação do Pará e trabalho como coordenadora pedagógica em uma escola pública no distrito de Icoaraci, periferia de Belém, onde desenvolvo minha militância política. Atualmente estou cursando Mestrado no Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior (PPGCIMES) da Universidade Federal do Pará (UFPA), e tendo as Cartas Pedagógicas como instrumento de trabalho, busco fazer a interligação entre pessoas, mundos e saberes, identificando como eu e vocês, que estão se correspondendo comigo, desenvolvem sua relação com a região amazônica. Mas essa conversa fica para a próxima carta, depois que eu conhecer um pouco de cada um de vocês.

Um abraço/fraterno,

Aldenora Pena

Olá, colegas...

Então, como Aldenora falou, escrever uma carta para um desconhecido é uma tarefa bem difícil, mas essa primeira carta será nossa apresentação. Espero que através dela todos nós possamos, de alguma forma, ficarmos mais próximos. Eu me chamo Gabriela Andrade da Silva, mas prefiro que me chamem de Gabi, geralmente quando me chamam de Gabriela é porque estão bravos comigo (risos). Eu tenho 24 anos, sou a irmã mais velha de 5 irmãos por parte de mãe, e a do meio por parte de pai. Minha mãe se chama Ana Cristina e meu pai Manoel Leandro. Nasci em Manaus, no dia 21 de março de 1998. Meu pai e minha mãe sempre foram separados, quando eu tinha uns 3 anos, fui morar com meu pai em uma comunidade chamada Caramuri, que fica localizada próximo ao município do Rio Preto Da Eva. Mas passei pouco tempo lá, logo voltei a morar com minha mãe em Manaus, onde estou até os dias de hoje. Posso dizer que tive uma infância bem feliz, como cresci em uma casa com uma família bem grande, minha vida sempre foi bem agitada. Eu e minha família sempre moramos no bairro chamado Puraquequara, que fica localizado na Zona Leste de Manaus. O Puraquequara é um bairro bem conhecido por ser parecido com uma comunidade do interior. Isso se deve ao fato de ele ficar bem distante da área urbana da cidade, e sendo o último dela, depois dele teremos apenas comunidades ribeirinhas. Bom, com todas essas características já citadas, é perceptível que o bairro é bem tranquilo, rodeado pelo rio, o que gerou muitas alegrias na infância, já que fui uma de muitas crianças que se criaram brincando nas ruas. Na escola sempre tentei ser uma aluna aplicada, participando de tudo que era possível. Através da minha mãe e professores, desenvolvi o gosto pela leitura, o que hoje se tornou um de meus principais hobbies, além de ter me dado direcionamento para minha vida acadêmica. Me apaixonei pela literatura, e por essa paixão decidi que o que eu queria cursar era Letras – Língua Portuguesa. No ano de 2019 passei no vestibular para a UEA – Universidade do Estado do Amazonas, onde me encontro até o momento. E durante o curso pude concretizar que fiz realmente a escolha certa, e que nasci para ser professora. E meu maior sonho é um dia fazer outras pessoas se apaixonarem pela literatura.

Abraços....

Gabriela Andrade

Santa Luzia do Pará, 21 de novembro de 2022

Saudações

Vou contar de forma resumida de como é minha vida social, política, cultural. Ops, primeiro vou me apresentar. Meu nome é Marcio, nascido em 14 de novembro de 1982, ou seja, tenho 40 anos. Sou uma síntese de povos. Uma mistura de nordestino brasileiro com sangue indígena, negro, caboclo. Moro na roça, minhas famílias: materna e paterna tem raízes camponesas, uma história de cultivo de alimento e de sabores. Meu endereço de residência e naturalidade é o km 26, ER 316, PAJMA, município de Santa Luzia do Pará. Onde Moro, são terras da família de longa data, desde 1934, quando meus bisavôs chegaram do Ceará. Nessa época, a locomoção era feita em lombo de animais ou pela água (canoa, barco). Tinha o trem Belém-Bragança. Não existia a ER 316, que só foi aberta e iniciada a construção em 1959, pelo menos no trecho Capanema/Jurupí. Isso é coisa que o meu pai conta, o Sr Benedito Moreira Ramos. O sangue indígena vem da parte da mãe, Maria Veronica da Silva Ramos. Voltando para contar mais do meu tempo para cá, 1982, o Brasil está no processo de transição da ditadura para redemocratização, ano de copa do mundo e muitas outras coisas importantes acontecendo. Com 7 anos comeci a estudar em uma escola na própria comunidade, mas era preciso caminhar uma distância de 1,5 km, que indo e voltando dava 3 km, isso todos dias de aula. Essa rotina foi da alfabetização a 4ª série, por que da 5ª série ao ensino médio, era necessário pegar o ônibus e seguir até a cidade do "47", sede do município. A demais, la rotina era trabalhar na roça e participar das atividades da igreja. Aos finais de semana participava de lazer entre outras atividades. Fui descobrindo a necessidade de participar de processos organizativos, isso são cenas dos próximos capítulos. Hoje tenho uma companheira (esposa) e uma filha de 9 anos.

Abraços

Marcio Ramos

Belém/Pa, 22 de novembro de 2022.

Minha mana Gabi, meu mano Marcio,

Muito bom conhecê-los melhor, através das cartas. Amazônidas, igual a mim, porém tão diferentes. Percebo em nossa origem, a predominância da origem humilde, filhos de trabalhadores. Hoje posso dizer que pertencço a uma família de educadores, minhas irmãs, meu companheiro, cunhado e sobrinhos seguindo na missão de construir uma educação pública e de qualidade. A minha relação com a luta pela educação começa muito cedo, na adolescência, quando, ainda no antigo 1º grau, lutávamos pelo direito à meia-passagem nos transportes públicos de Belém. Até aquele momento os estudantes só tinham direito a um determinado número de tíquetes que garantisse tão somente seu deslocamento de ida e volta da escola e tinha que comprá-los todos de uma só vez, o que, para a maioria dos filhos de trabalhadores, era inviável. Fazíamos longas passeatas pelas ruas de Belém, saindo das periferias para encontrar com estudantes de outras escolas, fazendo protestos, chamando a atenção para nossas lutas, negociando com o poder público. Foi nessa luta que percebi que a luta por direitos estudantis se cruzava com a discussão sobre a região amazônica, um não tinha sentido sem o outro. Depois de muitos de nossos atos, seguíamos para a concha acústica do CAN, na praça da Igreja Basílica de Nazaré, no centro de Belém, foi lá que ouvi pela primeira vez o cantor Nilson Chaves, que tem a Amazônia como tema da grande maioria de suas canções, junto com compositores como Vital Lima e Eudes Fraga, Nilson Chaves nos mostrou seu amor por nossa terra em canções como “Olho de boto”, “Sabor açaí”, “Não vou sair” e tantas outras músicas. Para se ter uma ideia, seus shows lembravam os grandes Festivais de Música Brasileira, onde o público cantava as músicas em um coro só. Junto com meu companheiro, Alickson, tenho os seus 4 primeiros vinis, sabendo cantar, quase de cor, todas as músicas. Se não conhece, te convido a ouvir suas canções que falam tanto do nosso povo, nossas frutas, nossos costumes e nossas lutas, como na música “Tango Amazônico”, que termina assim: “Amazônia é minha e ninguém tasca/ Não enche o saco vai cuidar do teu Alasca/ Isso não se faz onde já se viu/ O Tio Sam tirando casca do Brasil. / Isso não se faz onde já se viu/ O Tio Sam que vá pra pqp/ Olé!”. Além de Nilson Chaves, tinha a música, que cantávamos como um hino, “Belém-Pará-Brasil”, da banda paraense Mosaico de Ravena, que começa “Região Norte / Ferida aberta pelo progresso / Sugada pelos sulistas/ E amputada pela consciência nacional...” Nela se fala em valorização da Amazônia e exploração dos recursos, lembrando de nosso papel de fornecedores de matéria-prima ao Brasil e ao mundo desenvolvido.

Tudo isso, foi nos fazendo ter um olhar para o espaço diferenciado que habitávamos e formando nossa identidade, a partir da realidade que vivenciamos. Aprendi na escola que a Amazônia era o “pulmão do mundo”, hoje sabemos que não é nada disso, mas que nossa casa, como gosto de chamar a região amazônica, é de fundamental importância para a sobrevivência do mundo. Mas como moradora, não acho que temos que “preservar para sobreviver”, temos, sim, que cuidar, como cuidamos de nossa casa, arrumando, limpando, preservando, dando teto, comida e dignidade a seus habitantes, deixando cada povo em suas terras, herdadas de seus ancestrais. Tem a ver com o que os parentes, indígenas, chamam de “bem viver” que na visão desses povos, a terra é mais do que simplesmente o lugar onde se vive. Ela é sagrada, é capaz de fazer germinar e de acolher plantas, animais e uma infinidade de seres vivos, além dos humanos, compondo assim ambientes onde a vida frutifica em todo o seu esplendor.

Relendo as cartas, vejo as semelhanças entre nós, minha mãe, filha de negro com indígena, e por parte de pai, avós brancos, descendentes de portugueses, me fizeram vir com pele clara, nariz chato e cabelos cacheados, sou a miscigenação que caracteriza o povo de nossa região. Mas diferente do Marcio, sempre morei na cidade, em Belém/Pa. Como a Gabi, na minha infância, em uma das muitas mudanças, fomos morar à beira do rio Tucunduba, no bairro do Guamá, onde aprendi a nadar e minha irmã Lena quase me afogou (já superamos, ambas, o trauma, rsrs). O rio, infelizmente, se transformou em canal como tantos outros que cortam a capital paraense. E eu atravessei a cidade e fui parar à beira do rio Maguari, em Icoaraci, onde moro atualmente. Aqui faço parte de um grupo de amigos chamado “Por amor à cultura” que pretende construir ações que fortaleçam nossa identidade através das manifestações culturais com empatia, alegria, posicionamento político, fraternidade e muito amor.

Abraços fraternos,

Aldenora Pena

PS: Ouçam as músicas do Nilson Chaves e Belém-Pará-Brasil, do Mosaico de Ravena, tenho certeza que vocês vão se apaixonar.

Amiga Aldenera!

Lendo sua segunda carta, com mais informações de sua atuação na vida social e política, me enche de alegria em saber que há mais e mais pessoas na Amazônia, que se preocupam em construir uma sociedade melhor, com respeito ao território e quem nele habita. Também muito cedo comecei a me envolver nos processos organizativos para defender uma sociedade mais justa e igualitária. Lembro da pastoral da juventude ao final dos 90 com forte influência das CEBs (comunidade de Eclesiais de Base), onde discutia o evangelho segundo a teologia da libertação, com ênfase na vida cotidiana do povo sofrer. Foi naquele contexto que percebi a necessidade de lutar por um mundo melhor era necessário e urgente. No início do século XXI, conheço o marxismo: materialismo-histórico-dialético. Da necessidade da práxis. É nesse contexto que se percebe, que as transformações ocorrem pelos processos de lutas contra o sistema capitalista, um sistema que explora tudo e qualquer coisa em detrimento do lucro, uma exploração que leva ao esgotamento das fontes de riqueza: natureza, minérios, petróleo, mão-de-obra. Olhando a história numa perspectiva dialética, fui compreendendo que a Amazônia é também uma fonte de riqueza sobre vários aspectos social, político, cultural, místico e econômico, logo gera interesses para preservar e cuidar, como a casa comum de quem nela vive e dela depende, mas também dos que querem explorar para acumular capital, lucro. Foi com essa compreensão que fomos construindo processos organizativos com momento de formação, de luta e mobilização, per entender o tamanho do desafio que tínhamos e temos a enfrentar, a construção de uma sociedade com soberania sobre o território onde vive. É sendo a Amazônia um território de riquezas, cabe aos que nela vive e dela vive e com ela vive, cuidar e decidir o que fazer como fazer e quando fazer. Além da compreensão da necessidade de construir processos sustentáveis. Foi com esse entendimento de uma Amazônia soberana, que em 2016, juntos com outros companheiros e companheiras usamos

organizar uma parcela do campesinato do nordeste paraense através da ferramenta organizativa MCP (movimento camponês popular). Uma organização que presa pelo respeito ao valor e a importância dos camponeses e as camponesas na tarefa de produzir alimentos saudáveis na quantidade suficiente para os trabalhadores e as trabalhadoras do campo e da cidade, fazendo coro com a palavra de ordem: "se o campo não planta a cidade não janta". É assim vamos construindo mais do que carta, mas também histórias e processos que possam contribuir para uma Amazônia Livre do jugo da ganância e da soberba.

Abraços

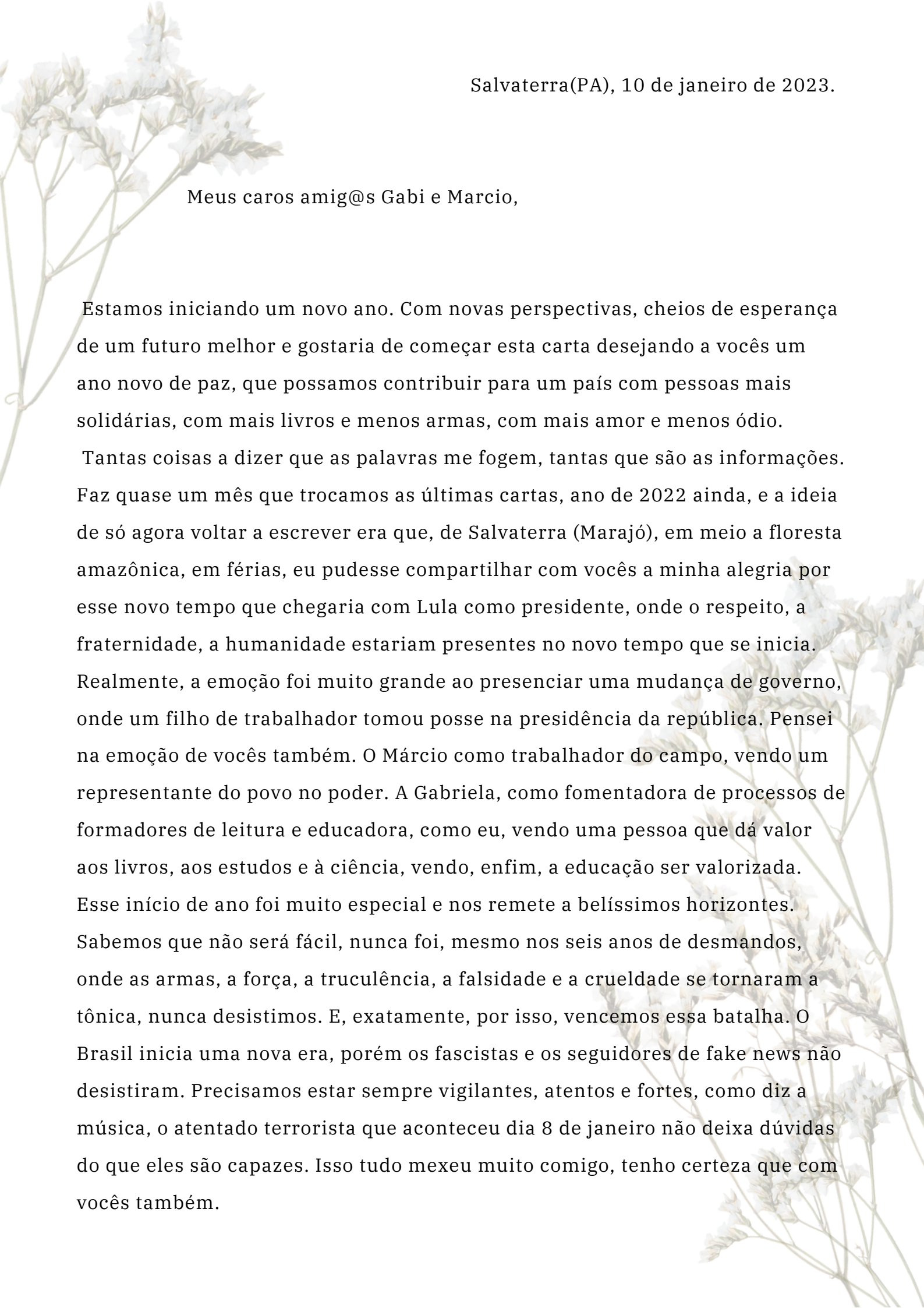
Márcio

Olá, querida Aldenora e querido Marcio.

Meus colegas, foi uma satisfação conhecer um pouco da história de cada um de vocês, e encontrar tantas semelhanças, mesmo tão distantes. Assim com Marcio, uma parte da minha família também são de agricultores, e como a Aldenora tenho também uma outra parte se formando educadores, assim como eu. Mas a minha relação com a educação veio mesmo a partir do ensino médio, eu era uma grande admiradora de meus professores, eles me ajudaram muito nessa jornada. Minha família era bem humilde, mãe solteira e com 5 filhos, não sobrava muito dinheiro para outros investimentos além de comida, moradia e vestimentas. Então a educação ficou totalmente por conta da escola pública, o que posso dizer que tive sorte, eu estudei a vida toda no bairro onde eu moro, e no ano de 2010 inauguraram a Escola de Tempo Integral Irmã Gabrielle Cogels onde passei a estudar desde o 7º ano, essa escola foi fundamental para a minha formação escolar e como cidadã, além de ter grande influência para a escolha da minha futura profissão, que é de educadora. E no meio acadêmico tive a oportunidade de participar do Projeto Práticas Leitoras, que é um projeto que tem como intuito formar mediadores de leituras, e com a atuação em bibliotecas comunitárias. Esse projeto me trouxe um olhar mais detalhista para o lugar em que vivo, principalmente para a cultura a qual pertence. O que me levou a vários questionamentos: Será que eu conheço o lugar em que vivo? Nossas tradições? Pontos turísticos? Então, a partir disso percebi que é meu dever conhecer um pouco mais da história que me antecede e principalmente o que tenho ao meu redor. Temos que valorizar nossa terra, nossa cultura. E meu estado e cidade é tão lindo e cheio de cultura. E como uma estudante de literatura, devo conhecer as produções de autores locais, o que já comeci. Recentemente li um livro de um autor maravilhoso, chamado Victor Leandro, a obra lida foi o Fantasma e a Travessia, essa obra é repleta de reflexões filosóficas e sociais, principalmente voltada para a nossa política atual, que considero desastrosa. Recentemente o mesmo autor lançou um novo livro, chamado Catedral dos Mortos, nele temos uma narrativa voltada para a pandemia, em particular na cidade de Manaus, que sofreu bastante, até falta de oxigênio tivemos. Enfim, são leituras que valem a pena, e acredito que será do gosto de vocês pelo pouco que pude conhecer de cada um. Bom, mais são muitos autores aqui que merecem destaque, mas se eu fosse escrever sobre eles daria um livro inteiro. E com relação a lugares que gosto da minha Manaus, eu colocaria o centro da cidade, lá temos vários restaurantes regionais, o largo São Sebastião, o Teatro Amazonas e a bela vista para o nosso Rio Negro. Tudo isso em único lugar, fora que lá temos gente de todo tipo e de todos os cantos, o que pra mim é superinteressante, já que adoro observar as pessoas. Mas bem, espero poder falar um pouco mais sobre a nossa cultura, comidas típicas e nossos pontos turísticos, tenho certeza de que vão se encantar.

Abraços...

Gabriela Andrade

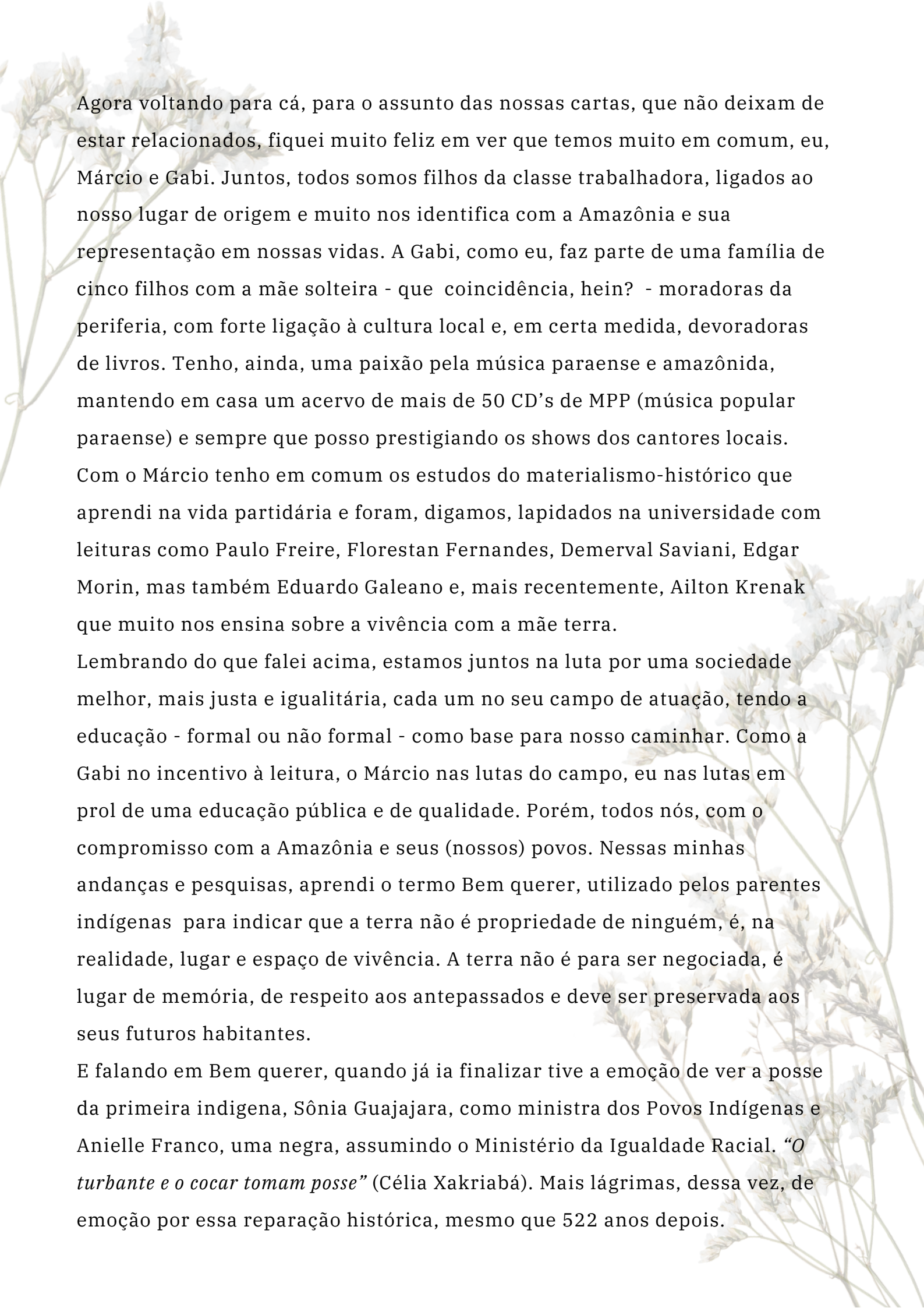


Salvaterra(PA), 10 de janeiro de 2023.

Meus caros amig@s Gabi e Marcio,

Estamos iniciando um novo ano. Com novas perspectivas, cheios de esperança de um futuro melhor e gostaria de começar esta carta desejando a vocês um ano novo de paz, que possamos contribuir para um país com pessoas mais solidárias, com mais livros e menos armas, com mais amor e menos ódio.

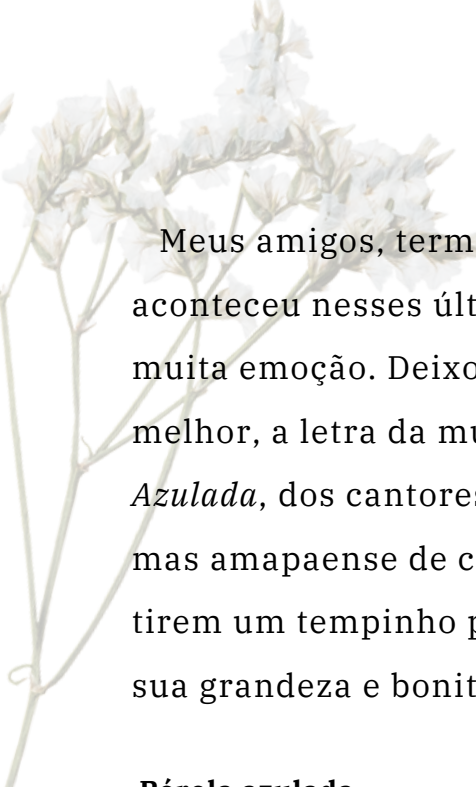
Tantas coisas a dizer que as palavras me fogem, tantas que são as informações. Faz quase um mês que trocamos as últimas cartas, ano de 2022 ainda, e a ideia de só agora voltar a escrever era que, de Salvaterra (Marajó), em meio a floresta amazônica, em férias, eu pudesse compartilhar com vocês a minha alegria por esse novo tempo que chegaria com Lula como presidente, onde o respeito, a fraternidade, a humanidade estariam presentes no novo tempo que se inicia. Realmente, a emoção foi muito grande ao presenciar uma mudança de governo, onde um filho de trabalhador tomou posse na presidência da república. Pensei na emoção de vocês também. O Márcio como trabalhador do campo, vendo um representante do povo no poder. A Gabriela, como fomentadora de processos de formadores de leitura e educadora, como eu, vendo uma pessoa que dá valor aos livros, aos estudos e à ciência, vendo, enfim, a educação ser valorizada. Esse início de ano foi muito especial e nos remete a belíssimos horizontes. Sabemos que não será fácil, nunca foi, mesmo nos seis anos de desmandos, onde as armas, a força, a truculência, a falsidade e a crueldade se tornaram a tônica, nunca desistimos. E, exatamente, por isso, vencemos essa batalha. O Brasil inicia uma nova era, porém os fascistas e os seguidores de fake news não desistiram. Precisamos estar sempre vigilantes, atentos e fortes, como diz a música, o atentado terrorista que aconteceu dia 8 de janeiro não deixa dúvidas do que eles são capazes. Isso tudo mexeu muito comigo, tenho certeza que com vocês também.



Agora voltando para cá, para o assunto das nossas cartas, que não deixam de estar relacionados, fiquei muito feliz em ver que temos muito em comum, eu, Márcio e Gabi. Juntos, todos somos filhos da classe trabalhadora, ligados ao nosso lugar de origem e muito nos identifica com a Amazônia e sua representação em nossas vidas. A Gabi, como eu, faz parte de uma família de cinco filhos com a mãe solteira - que coincidência, hein? - moradoras da periferia, com forte ligação à cultura local e, em certa medida, devoradoras de livros. Tenho, ainda, uma paixão pela música paraense e amazônica, mantendo em casa um acervo de mais de 50 CD's de MPP (música popular paraense) e sempre que posso prestigiando os shows dos cantores locais. Com o Márcio tenho em comum os estudos do materialismo-histórico que aprendi na vida partidária e foram, digamos, lapidados na universidade com leituras como Paulo Freire, Florestan Fernandes, Demerval Saviani, Edgar Morin, mas também Eduardo Galeano e, mais recentemente, Ailton Krenak que muito nos ensina sobre a vivência com a mãe terra.

Lembrando do que falei acima, estamos juntos na luta por uma sociedade melhor, mais justa e igualitária, cada um no seu campo de atuação, tendo a educação - formal ou não formal - como base para nosso caminhar. Como a Gabi no incentivo à leitura, o Márcio nas lutas do campo, eu nas lutas em prol de uma educação pública e de qualidade. Porém, todos nós, com o compromisso com a Amazônia e seus (nossos) povos. Nessas minhas andanças e pesquisas, aprendi o termo Bem querer, utilizado pelos parentes indígenas para indicar que a terra não é propriedade de ninguém, é, na realidade, lugar e espaço de vivência. A terra não é para ser negociada, é lugar de memória, de respeito aos antepassados e deve ser preservada aos seus futuros habitantes.

E falando em Bem querer, quando já ia finalizar tive a emoção de ver a posse da primeira indígena, Sônia Guajajara, como ministra dos Povos Indígenas e Anielle Franco, uma negra, assumindo o Ministério da Igualdade Racial. *“O turbante e o cocar tomam posse”* (Célia Xakriabá). Mais lágrimas, dessa vez, de emoção por essa reparação histórica, mesmo que 522 anos depois.



Meus amigos, termino essa carta, dizendo a vocês que, por tudo que aconteceu nesses últimos tempos, não poderia ser curta e vem permeada de muita emoção. Deixo aqui, para que possamos sonhar com um mundo melhor, a letra da música que tanto amo, que fala da mãe-terra, *Pérola Azulada*, dos cantores Zé Miguel(amapaense) e Joãozinho Gomes (paraense, mas amapaense de coração), mas acima de tudo, amazônidas. Se puderem tirem um tempinho para ouvi-la, tenho certeza que vão se emocionar com sua grandeza e boniteza.

Pérola azulada

Já aprendi voar dentro de você
Ancorar no espaço ao sentir cansaço
Osso da jornada

Já aprendi viver como vive nu
Um cacique arara cultivando aurora
Luz de sua tiara

Eu amo você terra minha amada
Minha oca meu iglu, minha casa
Eu amo você pérola azulada conta
No colar de deus, pendurada
A benção minha mãe

Já aprendi nadar em seu mar azul
Adorar água, homem peixe, água
Fonte iluminada

Já aprendi a ser parte de você
Respeitar a vida em sua barriga
Quantos mais vão aprender

Eu amo você...

Terra, terra por mais distante o errante
Navegante quem jamais te esqueceria

Um fraterno abraço,

Aldenora Pena



Santa luzia do Pará, 12 de fevereiro de 2023

Saudações Aldenora!

Minha cara amiga,

Já se vai mais de 30 dias de um novo ano, 2023. Também de uma nova esperança, do verbo esperar, com a vitória e posse do presidente da república, Lula. Foi uma vitória grandiosa e firme no combate a tirania. Com essa esperança que também, desejo a você um ano cheio de conquistas, de paz e amor.

É bem verdade que já faz tempo que nos comunicamos e que de fato muitas coisas aconteceram nesse intervalo, mas nada que não possa ser recuperado. A começar pelo trabalho intenso que tivemos para garantir a vitória da classe trabalhadora, elegendo um presidente com cara de povo, com a real possibilidade de melhora a educação, a preservação do meio ambiente e redução da fome no Brasil.

Acreditamos que é necessário está vigilante para que de fato os problemas do povo trabalhador seja prioridade, pois estamos em meio a uma luta de classe e que nesse caso, os patrões não hesitaram em se apropriar das riquezas que tem no nosso país como petróleo, água, floresta, minérios, mão-de-obra, cultura entre tantas outras coisas. Estes são vorazes.

Eu continuo pela roça, com o início das chuvas, começando o plantio dos roçados: mandioca, milho, abobora...

Retoma o verde mais intenso das plantas, os pássaros cantam mais alegres e assim continua o ciclo da vida.

Pela organização social (MCP) da qual participo, retomamos, depois de 2 anos de pandemia, os trabalhos de base, na perspectiva de construir uma sociedade mais justa, com melhor distribuição das riquezas de nosso país. Há sinais do novo governo para fortalecer a produção de alimentos no Brasil, nesse sentido precisamos de organizações sociais e populares do campo fortes e assim contribuir nessa empreitada. Produzir alimentos saudáveis e acabar com a fome no Brasil.

Nossa afirmação está no seguinte lema: comida saudável, dever do estado, direito do povo e compromisso camponês.

Vejo que mesmo estando em trincheiras diferentes, mas temos ideais em comum, lutar por uma Brasil melhor. Que bom saber disso. Nos da esperança, alegria e desejo de permanecer firme.

Vale expressar nossos sentimentos através da sabedoria de Thiago de Mello, com o poema "**madrugada camponesa**"

Madrugada camponesa,
faz escuro ainda no chão,
mas é preciso plantar.
A noite já foi mais noite,
a manhã já vai chegar.
Não vale mais a canção
feita de medo e arremedo
para enganar solidão.
Agora vale a verdade
cantada simples e sempre,
agora vale a alegria
que se constrói dia-a-dia
feita de canto e de pão.
Breve há de ser (sinto no ar)
tempo de trigo maduro.
Vai ser tempo de ceifar.

Já se levantam prodígios,
chuva azul no milharal,
estala em flor o feijão,
um leite novo minando
no meu longe seringal.

Já é quase tempo de amor.

Colho um sol que arde no chão,
lavro a luz dentro da cana,
minha alma no seu pendão.

Madrugada camponesa.

Faz escuro (já nem tanto),
vale a pena trabalhar.

Faz escuro mas eu canto
porque a manhã vai chegar.
(Faz escuro, mas eu canto)

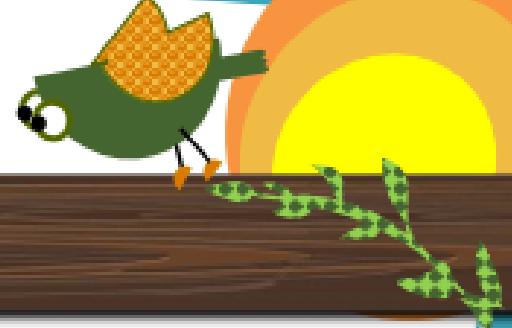
Thiago de Mello

Que possamos alcançar, fruto da nossa resistência, um mundo melhor

Abraços

Marcio Ramos





Manaus, 14 de fevereiro

Olá, meus amigos Marcio e Aldenora,

Bom, estou enviando minha carta em fevereiro, mas como não nos falamos desde o ano passado, então posso desejar a vocês um feliz ano novo. Como nossa amiga Aldenora falou, começamos o ano com a posse do nosso Presidente Lula, e que posse linda, né minha gente? Tivemos ali o povo representado, e não podemos esquecer de Resistência, o primeiro animal a subir a rampa e participar de uma posse de presidência. Eu como sou apaixonada por animais fiquei encantada. Eu acredito que esses quatro anos serão de muitas conquistas, teremos novamente a nossa educação valorizada, como deve ser sempre. Será um mandato de amor, e para o povo. Assim com você mana Aldenora, fiquei extremamente triste com o que aconteceu no dia 08 de janeiro, aquilo só mostrou o quanto aquelas pessoas estão alienadas, e de como elas não valorizam nossa cultura, nossa história e nossa arte. Mas, mesmo com o esforço do ódio, da ignorância o amor, a esperança, a resistência prevaleceram e agora vamos que vamos para um ótimo 2023 para todos nós.

Com as duas últimas cartas eu pude conhecer um pouco sobre cada um de vocês, o mais interessante é que mesmo cada um de nós morando em locais diferentes, temos tanto em comum, nossa Amazônia nos aproxima, claro que cada um possuindo uma bagagem cultural própria, o que deixa mais legal nossa interação. Assim como Marcio minha família é do campo, meu pai é agricultor e trabalha com a terra, e é essa terra fértil que temos aqui no Amazonas que garante o sustento e a existência da maior parte da minha família. E você Aldenora, ahhh, foi maravilhoso conhecer você, uma mulher da educação, que luta por ela, você é uma inspiração para mim que estou começando nessa caminhada. Aos poucos estou me construindo, e ter esse contato é importante. A educação me salvou, eu uma pessoa que pertença a periferia até hoje, sei como isso é um diferencial gigantesco, principalmente para eu me munir com o conhecimento para lutar pelos meus e por um mundo melhor, que possibilite uma vida igual e melhor para todos nós. E os livros, nossa, cada vez me perco mais nesse universo de saber, agora estou participando de um clube de leitura cujo título é "Leia Mulheres" o nome já diz tudo, conhecer obras de autoria feminina é muito simbólico para mim como mulher, sabemos que infelizmente a literatura por muito tempo foi dominada por homens, mais hoje graças as lutas de grandes mulheres podemos ser representadas.

E com relação a natureza, mana Aldenora, assim como você sou uma grande admiradora. Sempre que posso estou admirando. E fico triste pela ser humano não valorizar isso tudo que temos, preservando, cuidando porque é nossa casa, e se não cuidarmos da forma



correta perderemos ela. Mas, como uma pessoa otimista que sou, tenho ainda fé na mudança da humanidade. E a música "Pérola Azulada" é linda. Um forte abraço para vocês meus amigos, espero que troquemos mais uma carta.

Atenciosamente,

Gabriela Andrade





Belém/ Pa, 05 de marco de 2023.


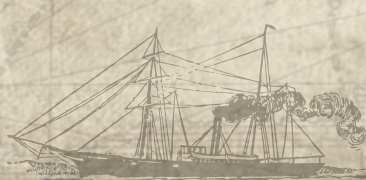


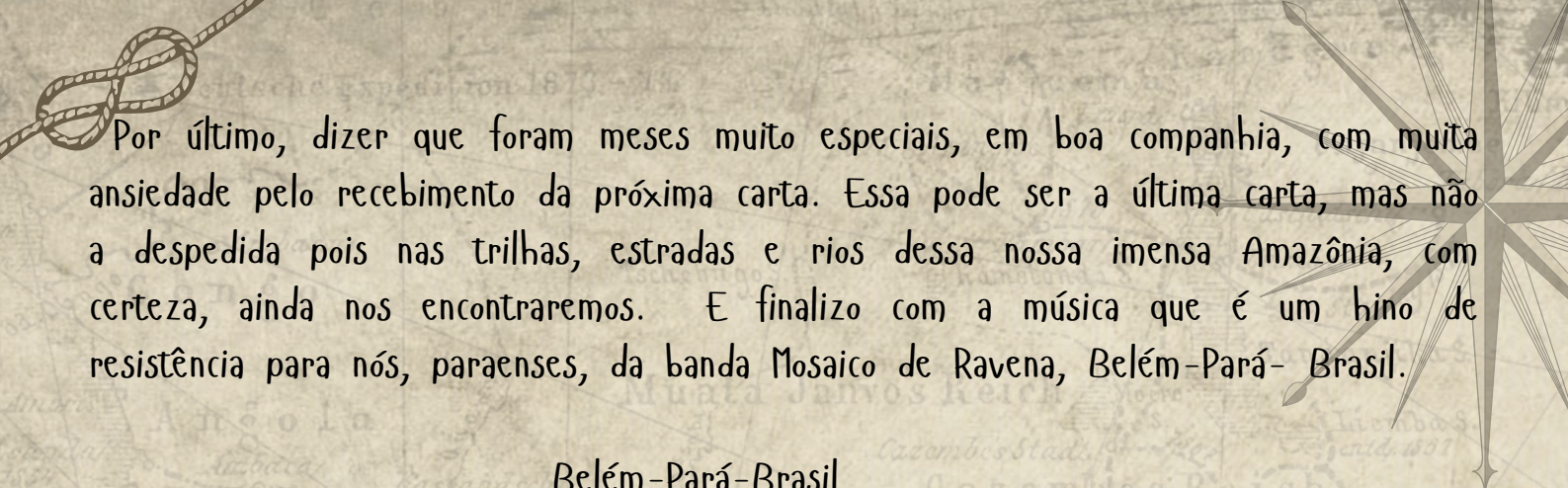
Meus caros Gabi e Márcio,

Lendo suas cartas é bom saber que ambos compartilham comigo da conjugação do verbo esperar com os novos ares que tomam conta de nosso país, a partir da volta de um governo democrático. Sabemos que não será fácil realizar grandes mudanças, principalmente na área da educação, com um governo de centro-esquerda, mas, pelo menos, estamos de volta aos trilhos da democracia. Em nossa viagem, através das cartas, conseguimos conhecer um pouco do outro, entrar nos mundos particulares e perceber o que nos une, ser estudantes periféricos e que acreditam na educação e na luta de classes como transformação social, e o que nos distancia, nessa imensa Amazônia, acredito ser a distância espacial. Mesma região, histórias distintas, às vezes perto, por vezes tão distantes. Assim, a partir do conhecimento que travamos neste meio tempo em que nos correspondemos, gostaria de direcionar um pouco mais nossas conversas para o objetivo da minha pesquisa, ou seja, como vocês veem sua relação com a Amazônia. Como, no caso de cada um, a universidade e os conhecimentos científicos se relacionam com os conhecimentos tradicionais. E de que forma essa troca de cartas despertou ou incentivou sentimentos identitários em relação ao pertencimento e à valorização da região amazônica?

Já vislumbrando a chegada ao porto de parada, não de chegada, pois trazê-los até aqui tem, ao final, o objetivo que, a partir de nossas conversas e reflexões, vocês sigam em suas próprias viagens e descobertas, gostaria de saber de vocês qual o aprendizado, se houve, que tiram da troca de cartas? Como, e se, essa troca de cartas mexeu com vocês? E o que a Amazônia tem a ver com isso?

Dizer a vocês, Márcio e Gabriela, Gabriela e Márcio, que foi imensamente prazeroso conhecê-los e dividir esses momentos com vocês. Agradecer a, sempre, disponibilidade, em partilhar um pouco de suas vidas, tirando tempo de seus afazeres para me ajudar a construir esse projeto, que é parte de um sonho, que é a conclusão do meu Mestrado aos 50 anos, pois como diz o poema "os sonhos não envelhecem".





Por último, dizer que foram meses muito especiais, em boa companhia, com muita ansiedade pelo recebimento da próxima carta. Essa pode ser a última carta, mas não a despedida pois nas trilhas, estradas e rios dessa nossa imensa Amazônia, com certeza, ainda nos encontraremos. E finalizo com a música que é um hino de resistência para nós, paraenses, da banda Mosaico de Ravena, Belém-Pará- Brasil.

Belém-Pará-Brasil

Mosaico De Ravena

Região Norte
Ferida aberta pelo progresso
Sugada pelos sulistas
E amputada pela consciência nacional

Vão destruir o Ver-o-Peso
E construir um Shopping Center
Vão derrubar o Palacete Pinho
Pra fazer um condomínio

Coitada da Cidade Velha
Que foi vendida pra Hollywood
Pra ser usada como um albergue
No novo filme do Spielberg

Quem quiser venha ver
Mas só um de cada vez
Não queremos nossos jacarés
Tropeçando em vocês

A culpa é da mentalidade
Criada sobre a região
Por que que tanta gente teme?
Norte não é com M
Nossos índios não comem ninguém
Agora é só hambúrguer
Por que ninguém nos leva a sério?
Só o nosso minério

E quem quiser venha ver
Mas só um de cada vez
Não queremos nossos jacarés
Tropeçando em vocês
Oh, não!

Aqui a gente toma guaraná
Quando não tem Coca-Cola
Chega das coisas da terra
Que o que é bom vem lá de fora

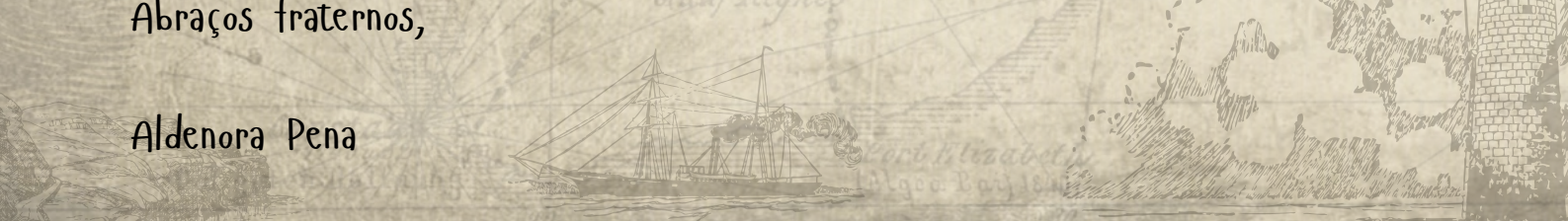
Transformados até a alma
Sem cultura e opinião
O nortista só queria fazer parte da nação

Ah, chega de malfeituuras
Ah, chega de triste rima
Devolvam a nossa cultura
Queremos o Norte lá em cima
Por quê? Onde já se viu?
Isso é Belém!
Isso é Pará!
Isso é Brasil!
Segura!

Quem quiser venha ver
Mas só um de cada vez
Quem quiser venha ver
Mas só um de cada vez
Não queremos nossos jacarés

Abraços fraternos,

Aldenora Pena



Santa Luzia do Pará, 15 de março de 2023

Saudações, amiga Aldenora!

Nessa jornada percorrida e traçada em cartas, nos fez mais esperançoso, ao saber que podemos contar com outras pessoas que compartilham dos mesmos sonhos e no dia a dia lutam por um mundo mais justo, e na preservação da floresta, na defesa da Amazônia e na sustentabilidade.

Foi muito bom contribuir com sua formação acadêmica, participar desse processo e saber que está ajudando você a subir mais um degrau na "rampa" do conhecimento.

A minha trajetória tem uma relação direta com a defesa de uma Amazônia com sustentabilidade e que põe em primeiro lugar o bem dos povos que nela habitam, isso tanto do ponto de vista da formação acadêmica (agronomia), quanto da participação nos processos sociais, que trava um alvô em defesa da agrobiodiversidade, na manutenção dos

conhecimentos populares e na preservação das sementes nativas.

São processos que requerem somas ou multiplicar informações, conhecimentos, experiências de vida. Mas também lutas, sonhos e esperanças. É o rio da vida que segue e que na soma das águas formam os oceanos, um encontro dos diferentes.

No longo do rio, há os desafios que precisam ser superados, assim como nós, assim são os processos. É desse modo que acredito ter sido a construção e conquista do seu mundo. Uma experiência muito boa pode ter contribuído, ao mesmo tempo me ajudou a desenvolver/fazer coisas que antes não tinha feito, como escrever cartas, foi muito bom.

Do mais fica a sensação de um dever cumprido, mas sem dizer terminou. Apenas um "até logo" ou "até a próxima".

Abraços

Márcio Ramos

Caros, amigos, Aldenora e Marcio,

Foi uma imensa satisfação conhecer vocês, essa experiência de trocas de cartas exerceram um papel muito importante para mim, para o meu conhecimento. Poder conhecer um pouco de vocês e do local onde moram me mostrou como mesmo distantes temos tanto em comum, e o que nos une é, principalmente, nossa Amazônia.

Bom, posso dizer que meu percurso acadêmico foi fundamental para que eu conhecesse e valorizasse meu estado e cidade, como já dito nas cartas anteriores, curso Letras, e já estou quase finalizando minha caminhada acadêmica de graduação. Nessa caminhada pude conhecer muitos autores que trazem em si e seus escritos essa valorização pela sua terra, tradições e cultura. Um que posso aqui citar é o já falecido José Aldemir de Oliveira, ele foi um grande geógrafo, mas não deixou de contribuir com literatura escrevendo crônicas sobre seus dias e lembranças na cidade de Manaus. O mais interessante na sua forma de escrita é que ele se utiliza do olhar de geógrafo para falar da cidade, mas juntando cultura e sentimento, o que causa muita nostalgia nos habitantes daqui que podem recordar um pouco da sua infância e de uma velha Manaus que já não existe.

Quero dizer também que essas nossas trocas de cartas me incentivaram a buscar conhecer mais minha cidade, passei a frequentar mais os locais históricos e turísticos, a observar mais a natureza, que sempre fiz, mas agora olho com mais detalhe. Percebo que moro em uma cidade que tem tanta cultura e história. Fico triste que muitos de seus habitantes não a valorizam, e mais triste ainda com o atual governo do Estado do Amazonas que não desenvolve projetos de restauração dos centros históricos de Manaus, como as casas que ficam no centro, mas a esperança é a última que morre, e ficarei com ela até o fim.

Minha querida Aldenora, quero agradecer você pela oportunidade que me propôs, de participar do seu projeto, como já falei, foi engrandecedor para mim. Há muito tempo não escrevia uma carta, e nunca tive a oportunidade de ter uma troca através da escrita sobre a nossa Amazônia, além de poder relembrar da minha trajetória como filha do Amazonas. Desejo a você todo o sucesso do mundo na sua caminhada, certeza de que você é e será ainda mais um diferencial para a nossa Amazônia.

Sinceras saudações,

Gabriela Andrade

